

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 845
GUIMARÃES, 11 de Abril de 1948
Red. e Adm., R. da Rainha, 50-A. Tel. 4819
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 8177
Visado pela Censura. **Avença**

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Os Paços do Concelho

VIII

Parece-nos ter demonstrado, no decorrer destes artigos, que são absolutamente improcedentes os argumentos de que se serviu a Comissão dos Monumentos Nacionais para justificar o seu parecer contra o deferimento da comparticipação do Estado no prosseguimento da construção dos Paços do Concelho.

Mas nunca será demais repetir que esses argumentos ou objecções, mesmo na hipótese de que fossem criteriosos, nada podiam influir na deliberação há muito definitivamente tomada pela Câmara de construir um edificio para seus Paços e por estes motivos muito simples: primeiro porque essa deliberação é um facto consumado e a sua execução está já adiantada; em segundo lugar porque a Comissão dos Monumentos não tem competência para interferir nos actos da Câmara, nem, illustre e correcta como é, lhe passou pela ideia fazê-lo.

A Comissão, mostrando-se interessada na reconstrução do edificio, mutilado e em ruínas, em que séculos atrás habitaram uns duques de Bragança, julgou, e não nos propomos discutir a sua opinião, que era mais útil e urgente empregar o dinheiro do Estado nessa tentativa de ressurgimento ou de evocação de uma época do que na conclusão de um edificio para instalação da própria Câmara, que anda em bolandas por casas alheias. Respeitamos-lhe o direito de pensar como pensou; apenas desejamos evitar que as razões do seu critério sejam consideradas como fundamento para demolir a parte já construída dos nossos Paços do Concelho.

Não queremos que se deturpe, de má fé, o pensamento da Comissão e, por isso, aqui estamos para esclarecer que ela nunca manifestou a opinião de que se deveria demolir a obra da Câmara de Guimarães; muito diferentemente, o que a Comissão declarou foi que lhe não parecia acertado prosseguir nos mesmos moldes a obra em execução, *aproveitando-se para outros fins o que está realizado* dentro de um programa de máxima economia, no intuito manifesto de se poupar o dinheiro do Estado para se construir o palácio dos Duques, onde também várias repartições podiam ser amplamente instaladas. Foi isto, e só isto, o que, aliás, já é bastante e bem discutível, que a Comissão disse no seu parecer.

E ninguém lhe faça a afronta de insinuar que esses outros fins para que a Comissão entendeu que as obras dos Paços do Concelho deveriam prosseguir dentro de um programa de máxima economia fossem os da sua adaptação para um matadouro ou para uma esquadra de policia!

Estas sugestões, para vergonha de nós todos que nos prezamos de ser vimaraneses pelo nascimento ou pelo coração, já as vimos na imprensa, mas, sem dúvida, elas terão provindo de alguém da descendência, que ainda perdura, daquelle vimaranesense renegado que propôs um dia a demolição do Castelo de Guimarães para com as suas pedras se calcetarem as ruas da cidade!

A Comissão dos Monumentos Nacionais façamos a justiça fácil de lhe negar o pensamento, único lógico resultante das suas considerações expressas, de que nos outros fins para que pudesse destinar-se o edificio em construção, desde que nele não coubessem algumas repartições que fosse preferível instalar com maior amplitude no palácio dos Duques, não podia

deixar de estar incluído o da instalação da Câmara e respectivos serviços municipais; pois, se era para isso que ele fundamentalmente se projectara, é evidente que, não podendo mesmo servir para mais nada, tinha que servir, ao menos, para nele se instalar a Câmara Municipal com todas as suas repartições. E para isso ninguém ouará dizer que seja de capacidade insufficiente.

Não pensemos mais no parecer da Comissão dos Monumentos, aliás, já velho de 12 ou 13 anos. Não vimos até agora que outras razões, que outros fundamentos se tivessem manifestado para condenação do edificio cuja construção se interrompeu e fique bem assente que mesmo estes da Comissão dos Monumentos visaram o desvio para um outro destino dos dinheiros do Estado, sem qualquer intenção de impedir, com outros recursos, a continuação da obra para que tinham sido pedidos.

Desembaraçados, por esta forma, da rede frágil de pequeninas coisas que têm estorvado a continuação da obra e acabaram por fazer nascer a hipótese revoltante da sua demolição, resta-nos, somente, verificar as causas que a interromperam e apontar os meios de as remover para que prossiga e se conclua.

A solução de qualquer problema facilita-se pelo exame prévio das condições que o fizeram surgir. No caso que nos interessa, quais são os factos que impediram a continuação e conclusão da obra?

A construção estava em pleno desenvolvimento em 1926, quando a vereação dessa época, por motivos politicos de todos conhecidos, foi substituída. Constituiu-se, portanto, nova Câmara, que nada tinha de comum com a anterior, dando-se uma solução de continuidade, entre a antiga e a nova gerência, absoluta e radical.

Vieram, pois, outros homens, com outras maneiras de ver, com outros planos, com ideais diferentes, com a ansia de trabalharem mais e melhor do que os anteriores, com a preocupação de demonstrarem maiores aptidões e mais acrisolado patriotismo.

Eles não suspenderam as obras dos Paços do Concelho que estavam em execução e para continuação das quais a Câmara dispunha de verba especial mas, como é natural, como é humano e, por isso, inevitável, quiseram, primeiro que tudo, mostrar que também eram ciosos do progresso de Guimarães, que também queriam o engrandecimento da terra cuja administração lhes fora entregue, e que também eram capazes de realizar, para bem da cidade e do concelho, os projectos que a sua imaginação, ao serviço dos interesses vimaraneses, exuberantemente germinava.

As possibilidades financeiras de qualquer município não são illimitadas e, como para tudo é preciso dinheiro e não é fácil nem agradável fazer crescer os réditos municipais, compreende-se perfeitamente que, desejando essas novas vereações, como é lógico e desculpável, atender em primeiro lugar ás despesas de execução dos seus diferentes empreendimentos, para as obras dos Paços do Concelho fosse escasseando a verba necessária até mesmo se extinguir, donde o seu concomitante afrouxamento e a fatal suspensão.

Aqueles que, anteriormente empenhados, com ardor, na sua execução naturalmente as lembrariam e reclamarían e, decerto com êxito visto que

O mais famoso quadro de Velasquez vendido nos últimos 25 anos

Adquirido pelo Museu de Arte de S. Paulo

foi pago, em Londres, cabendo ao nosso illustre conterrâneo, Sr. Albano de Sousa Guise, residente no Rio de Janeiro, a ideia da sua aquisição, para a qual contribuiu com avultada soma de dinheiro.

O *Jornal*, brilhante diário brasileiro, inseria no seu número do dia 28 de Março último, que recebemos recentemente, a seguinte importante noticia em que se fala da iniciativa do nosso querido conterrâneo Sr. Albano de Sousa Guise e de um seu gesto que mereceu os mais justos louvores, pelo que revela de dedicação á terra em que vive e de amor pelas obras de Arte.

Esta noticia: «O embaixador Moniz de Aragão pagou, ante-ontem, em Londres, em nome do Museu de Arte de S. Paulo, a Lord Cowdry a importância de 2 milhões e 30 mil cruzeiros, equivalentes ao preço do famoso quadro de Velasquez «Conde Duque de Olivares», o qual pertence á coleção do falecido pai de Lord Cowdry.

A soma acima corresponde a 25.000 libras esterlinas e mais as taxas do tesouro inglês.

O senador Artur Bernardes Filho e Senhora vão oferecer no dia subsequente á chegada do famoso quadro um jantar de gala em homenagem aos doadores da famosa tela, que é o mais importante quadro de Velasquez posto á venda nos últimos 25 anos. O senador Artur Bernardes convidou a Condessa Marina Crespi, uma das doadoras do quadro e que subscreveu a parte mais elevada, a fim de presidir, com a senhora Artur Bernardes, o jantar no Copacabana Palace, onde será exposta pela primeira vez a tela de Velasquez.

A condessa Crespi virá ao Rio em avião especial, posto á sua disposição pelos «Diários Associados».

A ideia de trazer para o Brasil um Velasquez, da envergadura desse da

coleção Cowdry, coube ao grande negociante de tecidos Albano de Sousa Guise, chefe de Ferreira Sousa S. A., companhia para a venda de tecidos de algodão em grosso, da qual é presidente o Sr. Guilherme Guinle. O Sr. Ferreira Sousa subscreveu individualmente 200 mil cruzeiros e levantou mais 500 mil no círculo dos seus amigos.

Velasquez era, como Filipe II, meio de sangue português. Seu nome todo o demonstra: Diogo da Silva Velasquez.

Existe o recibo de mil reales passado por Velasquez como final de pagamento da tela, a qual foi feita no ano de 1624, quando o Conde Duque de Olivares preparava a expedição de D. Fradique de Toledo Osório, a qual resgataria, dois anos depois, a Baía do domínio holandês.

Era o Duque de Olivares, nessa época, ministro de Filipe IV, que por sua vez era Rei de Portugal e Brasil. Trata-se, portanto, de uma tela com estreitas afinidades historicas com o nosso país.

Jamais um Velasquez atravessou o Atlântico Sul. Nem um museu do Hemisfério a não ser dos Estados Unidos possui qualquer obra do pintor espanhol.

Lord Cowdry é um dos homens mais ricos da Inglaterra. Seu pai deixou-lhe uma fortuna de 5 milhões de libras esterlinas, inclusive o palácio sumptuoso onde se encontra a embaixada do Brasil em Londres.

Lady Cowdry, sua mãe, sempre se opôs tenazmente a toda a ideia de venda do quadro de Velasquez, que era uma das peças de maior valor da galeria da família.

A VOZ DAS FREGUESIAS

Nespereira--Polvoreira

—aglomerado populoso e industrial—reclamam:

Caminhos, Escolas, Agua!

Nespereira

O apelo vindo de Nespereira, que publicamos no passado domingo, chamou a nossa atenção para esta freguesia, pois não só é um expoente de necessidades — qual delas a mais urgente — como evidencia o receio de

teriam a apoiá-los a enorme força da opinião pública, estavam dispersos e impedidos de se manifestar.

E os vimaraneses foram esperados, resignados e sem ânimo para iniciativas próprias, como sempre acontece quando faltam instigadores que estimulem e orientem; foram esperados, foram esquecidos, foram morrendo; vieram outros novos, cheios de mocidade e de energias latentes, mas já ignorantes do que significariam e para que serviriam aquelas pedras, realmente talhadas com arte e grandeza, mas sepultas e desfiguradas por moutas de silvas e montes de porcaria, como se uma rajada de odio e de maldição por ali tivesse passado.

Que há, pois, a fazer, visto que o concelho de Guimarães continua sem Paços, instalado por empréstimo numa casa que nunca será sua, porque terá de ser sempre de Martins Sarmento, glória da nossa terra?

Esclarecer a nova geração sobre o significado e o destino das pedras erguidas que o lixo oculto transfigura e degrada; despertar os que restam das gerações anteriores, renovando-lhes as esperanças e remoçando-lhes os brios; proclamar as possibilidades e a necessidade de concluir o edificio e de prosseguir no alargamento da cidade que lhe é adjacente e promover em torno deste ideal, aliás tão simples e tão consentâneo com os interesses primordiais da cidade e do concelho, uma grande, uma sincera e absoluta união vimaranesa. Tais são as nossas intenções.

que nem o pouco que possui se encontra seguro.

Procuramos imediatamente apreciar in loco o sudário de necessidades que sufocam a freguesia, tirando lhe movimento e valor e obrigando os habitantes a uma penosa carestia de certas regalias, que até confrange.

São mais de 1.000 pessoas que vivem sem caminhos apropriados para as suas comunicações inter-lugares e entre freguesias limitrofes, não têm Escolas para o ensino de tantas crianças em idade de serem instruídas, não têm fontes nem lavadouros públicos, nem recebem o correio com regularidade!

Estradas, caminhos, é o grito geral...

Chegamos a Nespereira e logo deparamos com a mais preciosa e mais antiga aspiração: uma estrada que saindo de Arrau (Nespereira), vá até ao limite das freguesias de Serzedelo e Guardizela, no lugar de Regalo, estabelecendo ligação com Riba d'Ave.

Esta via de comunicação seria muito importante, porque daria grande beneficio ás populações de todas as freguesias circunvizinhas, valorizando a própria vitalidade destas.

Há dois anos que esta realização vem sendo acarinhada, tendo-se então exposto á Câmara essa petição, em documento com grande número de assinaturas. Contudo, o tempo vai decorrendo e de concreto apenas persiste o desejo da realização...

Ainda no capítulo comunicações, há caminhos em deplorável estado, que reclamam urgente arranjo. Estão neste caso os que confinam com a Igreja, saindo dos lugares do Casal, do Senhor dos Afritos e de Pinheiro.

Tanto no apropriamento da estrada atrás referida, como no acondicionamento dos caminhos já existentes, não seria grande o dispêndio da Câmara para a respectiva realização, tanto mais que a contribuição de Nespereira por si só e ainda das demais freguesias beneficiárias é bastante sensível.

Colegiada "Insigne e Real,,

Foi uma instituição do Passado. Suas raízes andam presas á fundação do Burgo. Não há maneira de separar uma história da outra. Conjugam-se. Agora que a instituição canonical não existe, andam rumores na cidade a falar-nos do seu renascimento.

Podé isso vir a ser?

Não meto, só dizer-se, prego nem estopa no *ata-arriba* de semelhante propósito. Essa tarefa — que se me afigura fora da época — tem pioneiros apaixonados. Por rebates saudosistas, o esplendor do culto na igreja da Oliveira avulta e explende aos seus olhos. Quero crer na sinceridade desta relembrança. Ainda que se possa contrapor, com História da Igreja na mão, qualquer argumento em desfavor da reorganização da velha Colegiada; ainda que os católicos puritanos afirmem não fazerem falta as Colegiadas á causa da propagação da Fé; ainda assim mesmo, podem os pioneiros do actual movimento firmar-se em razões de carácter local para justificarem a sua acção.

Entretanto, julgo curioso de adobrar algumas memórias retrospectivas.

Todas as instituições contam em sua história períodos de fortuna e decadência. Altos e baixos se contam na longa trajetória da Colegiada. Com o advento do liberalismo, a instituição estremeceu. Em 1834 foi despojada de certas honras e regalias. Não foi, porém, caso de morte. A instituição que já havia resistido a outras rajadas, — tão longo curso atravessou nos séculos — não se dobrara, nem mesmo ao golpe desferido contra as suas temporalidades.

Chegado o ano politico de 1848, a Colegiada viu-se atingida por um projecto governamental de ordem genérica.

Clamava o seu Cabido em representação dirigida á Câmara dos Pares: «... Se vingar o projecto da Reforma, que só deixa á Colegiada onze Beneficiados, e aplica os réditos dos outros a um fim diferente daquele para que foram legados — ¿quem desconhecer pode a impossibilidade em que ficam de sustentar os actos do culto com a regularidade e esplendor que abrilhantá-los deve?»

Feita uma amputação ao corpo canonical, ainda os onze restantes se carpíam de verem seus réditos desviados. Nesta jeremiada se destaca o calamitoso quadro:

«Então se verá apagar-se aquele sumptuoso coro onde utrota se viam vinte e oito cônegos, agora não poucos coadjutores... e apenas alguma voz froixa soará naquelas abóbadas sagradas, onde tantas vozes de continúo ecoavam. Não haverá doravante mais que um arremedo desta Insigne Colegiada, que tanto sobrepunha ás outras do reino; a quase impossibilidade de assim sustentarse, se aventará um dia para fundamentar a sua extinção.....»

A medida governativa era por assim dizer o complemento do golpe desferido na supressão dos conventos. Consideradas as Colegiadas um luxo; atribuído aos seus membros o papel de meros aristocratas regalistas, entendia-se que só os párocos mereciam protecção, como os melhores cabouqueiros da Igreja. Daí o projecto de Reforma que, se não suprimia as Colegiadas, as empurrava para o mesmo destino mortal das instituições monásticas.

Não conformes com a medida go-

vernamental de 1848, alçavam os cônegos de Guimarães este brado dirigido á Câmara Alta:

«Dignos Pares do Reino: Salvai esta memorável Colegiada do abatimento a que a reduz o projecto da reforma, e assim haveis os gabos desta populosa Vila e as bênçãos da Senhora da Oliveira!»

E o perigo foi, então, afastado. A Colegiada continuou a ornar-se de D. Prior, Chantre, Tesoureiro, Mestre-Escola, Arcipreste, dois Arcebispos, dezoito cônegos prebendados e dois meios-cônegos. Estes dois com o encargo de Cura de Almas, ou seja, a paróquia da Freguesia da Oliveira.

Anos passam, em calma. Mas eis que, ao fechar o ciclo de 1869, surge novo decreto contra as Colegiadas. E repete o Cabido vimaranesense, acolitado pelo Município, solicitações, para que a poupem ao camareto. A representação tem a data de 7 de Abril de 1870. Foi assinada por dezasseis cônegos — testemunho de que aqueles membros canonicais que haviam perecido durante uma vintena de anos, não haviam sido substituídos.

Mais duas décadas. A velha instituição eclesiástica vai cedendo á morte, ora um, ora outro dos seus illustres membros. Nesta ceifa impiedosa, apenas lhe ficam dois venerandos Cônegos. Mais ao diante, na curva do tempo, apenas lhe ficou um.

Ainda eu o conheci. Era o «Cônego Pereirinha». Este diminutivo adviera-lhe pela circunstância de ser uma figura tamaninha, curvada á terra, ao peso dos anos.

Como uma lâmpada que se derrama e que se apaga por falta de azeite, também o esplendor litúrgico, as vozes do coro, os incensos festivos da igreja Colegiada se foram extinguindo.

E a lembrança dos tempos idos, mirando-se nostálgicamente no «Cônego Pereirinha», suspirava pela alvorada restauracionista da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Quando surgiam eleições, era certo os camaliões politicos annunciarem aos saudosistas do passado canonical: — Votem em nós, e nós lhes prometemos o renascimento da Colegiada!

Era, com effeito, uma aspiração latente. A Colegiada foi, em certo modo, orgulho dos vimaraneses de então. O baírrismo ateria-se nesta politica religiosa. No alforje doepar-

O Senhor Cardeal Patriarca Cidadão Honorário de Guimarães

Tendo a Câmara Municipal deliberado, a quando da honrosa visita de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa a esta cidade, em Setembro do ano findo, nomear o Venerando Prelado Cidadão Honorário de Guimarães, deve em breve ser-lhe entregue, em acto de solenidade, a medalha de ouro contendo as armas da Cidade.

eva 815

Um nome que V. Ex.ª fixará.

Longe: perto

Quando amanhã abrires a janela, não me verás, amor, não me verás; olharás os caminhos, olharás... Mas nenhum os meus passos te revela.

Então perguntarás, chorosa e bela: «Manuel, Manuel, onde é que estás?» Mas eu estarei longe, longe assaz, para ouvir os teus ais de filomela.

Já eu estarei longe? Não e não: jamais hei-de deixar teu coração, teu coração, a cela, onde eu sou monge.

Ai hei-de eu viver eternamente... Portanto, não me chores como ausente, que estamos perto, estando nós tão longe.

Rapazinhos imbecis

Sou velho, eu bem o sei... mas só na idade, Que no resto inda sinto a valentia Da minha saudosa mocidade De idealismo e quente rebeldia.

Vós outros, o que sois?... Virilidade Podeis tê-la na lingua com mestria, No pontapé à bola e a acuidade No pano verde, á noite, em correria...

Sabeis lá, imbecis, o que é um velho Que não dobra a espinha e o Joelho Perante a iniquidade e a impostura!...

Sou duma linha attiva e vertical: O meu passado é limpo, é bem leal, A minha vida é feita de lisura.

DELFIN DE GUIMARÃES.

Conclui na 4.ª página.

MERRY.

Viagem no ar

Reportagem da Viagem Lisboa - Porto - Lisboa

I - A partida

Quando nos preparamos para voar e num momento partimos da calma habitual para a estranha e confiante aventura duma viagem aérea, o tempo não conta nem influi nos nossos sentidos. Assim o problema que se antepõe à nossa curiosidade: estará amanhã ou não bom tempo não conta como factor influente. E para que vale preocuparmo-nos com a evolução do tempo, a pressão atmosférica, a visibilidade, a intensidade das chuvas se a preocupação dominante e confiante é apenas esta: Voar!

Uma reportagem dum voo tem sempre qualquer coisa de novo e de imprevisível e não há nada mais imprevisível do que a evolução e o desenvolvimento duma viagem no espaço, sobre o xadrez colorido e mutável da paisagem, desafiando qualquer eventualidade e acreditando na pericia e na tecnicidade do aparelho "Dakóta", de fama universal e sendo a marca dos aparelhos da carreira Porto-Lisboa da mesma origem americana. Arrumamos as nossas sensações de reportagem dando-lhe o ar dinâmico e vertiginoso das coisas desportivas, adentro da nossa época e do nosso tempo.

Tarde de inverno. Chuva, tristeza nas coisas e nos seres. Um ar de nostalgia envolve a cidade tumultuante e precisamente à hora de maior movimento citadino abandonamos a urbe, às três horas a caminho do aeroporto de Sacavém. A camioneta esplendida e confortante leva-nos num rufo ao lado do aparelho. Movimento desuado nas salas do aeroporto, a chamada, pelo alto falante, dos passageiros e nós somos simbolicamente o número 1.555 (número fétiche). E num ápice entramos no "Dakóta", da carreira. Descrever o aparelho? É um bimotor, de capacidade para 21 passageiros, carregado com luxo, duma cor azul marinho, provido de toda a aparelhagem moderna, e onde nada falta. Velocidade horária regular, pessoal amabilíssimo, pontualidade nos horários e a certeza de que viajamos entregues a pilotos experientes, firmes e treinados. Todos os voos e tantos se têm realizado aos milhares, têm a periciedade e a perfeição das coisas metódicas e organizadas. Apesar do tempo péssimo, da chuva, dum vento inquietante o aparelho descola com toda a felicidade e inicia-se a trajectória do voo. Ligar Lisboa ao Porto numa hora, que maior sedução pode haver para o viajante iniciado? Somos já velhos "routiers", nessa carreira, mas o mau

tidos, a Colegiada era o mimo das promessas messiánicas. Ela viria!...

E veio, renascida, em 1891. João Franco, na liça parlamentar em prol da dita, ganha as suas esporas de ouro. Conquistando um núcleo de, pouco mais que meia dúzia de cônegos, caira no coração dos vimaranenses. E nunca, nunca mais, durante o longo período da sua carreira política, deixou de ser venerado no sacrário do peito da nossa terra. A Colegiada, enfim, viera!

É criado por Carta Régia o Pequeno Seminário. Para o seu ensino são conduzidos os Cônegos. Mais uns passos, e 1896 dá-nos o Liceu Nacional. E os Cônegos — sacerdotes selectos — transitam para a ensinância liceal. Da sua acção no ensino se pode afirmar: — mais fulgurantemente brilharam que os seus colegas de antanho, apenas acomodados à teta da ceneza.

Breves anos decorreram. O advento da República surge.

Como havia sucedido no Constitucionalismo outorgado, o novo regime, com a sua Lei da Separação, descarrega o seu alfanje reformador por sobre as Colegiadas. E Guimarães chora e deplora o golpe que atingia a sua veneranda instituição.

— Quem, na emergência, se levantaria na defesa da velha instituição canonical?

O Dr. Eduardo de Almeida, com assento nas Constituintes, chama a si o escudo e a lança desta causa. Puderam os senhores Cônegos, finalmente, com dignidade, aceitar a pensão, pois lhes foi atribuída, legitimamente, com o ónus do ensino liceal que ministravam.

Assim ficaram respeitadas os réditos da Colegiada. Tudo acabava em bem. A morte dura poupara a Colegiada vimaranense.

Simplesmente o Estado, laicizado, não se comprometeu a substituir, a renovar, os Cônegos abatidos à cova. De onde havia de resultar o quadro presente: — Uma Colegiada extinta, à míngua dos seus recursos próprios, agora incorporados no Estado.

Graças ao Céu, que não falta à velha instituição canonical extinta a semente reprodutora. Essa veneranda e simpática figura de sacerdote, o Sr. Cônego Alberto de Vasconcelos, pode ser ainda em nossos dias quem a faça ressurgir das cinzas.

Mas, como, se não há Cônegos sem cenezas?

A. L. de Carvalho.

tempo estimulou-nos a nossa curiosidade. Lisboa ao longe é uma mancha gris, desdobrada em montes de casario patinado de cinzento.

Esboça-se a bacia hidrográfica do Tejo, gigantesco e espraiente como um Nilo do ocidente. Vila Franca, Azambuja, fumos de fábricas, o mosaico poli-colorido dos campos barrentos e lavrados. A tarde veste a paisagem de tons crepusculares precoces. Uma nostalgia envolve as coisas e os montes, os vales, os rios, o xadrez da paisagem é sobrevoado pelo aparelho numa recta consciente. Que perfeição de comando, que pericia no manejo da aeronave gigantesca. Os motores trabalham a pleno rendimento e embora a visibilidade seja má, acompanhase com algum esforço, o delinear da paisagem. Agora sobre a serra de Montejunto de cores berrantes como uma manta de retalhos o "Dakóta", elevase a 1.880 metros. A vida é toda interior. Monologa-se, pensa-se, imagina-se. Com o mapa de Portugal que o "hospedeiro", nos oferece, acompanhamos o voo e temos a sensação de terras e de paisagens que conhecemos e que mal controlamos. Num rufo divisamos, S. Martinho do Porto, a lagoa de Obidos, a fénicia Nazareth com o seu recorte inimitável e impintável. É a mais formosa "Nuance, piscatória da costa portuguesa. Toda ela é a proa dum barco pintado pelas mãos de Deus.

Que indiscutível espectáculo é a costa portuguesa, vista de bem alto. Alcobaga à direita com a molhe do seu mosteiro medievo e cisterciense é sempre para nós uma lembrança permanente. Os seus campos envolvem-nos como os seus lenços coloridos envolvem o colo inviolado das moçoilas arrabalzinas e dominguieiras. Aproxima-se o Liz, o rio pequeno e torcolante. Caminha-se em direcção ao Vouga. Campos, montes, o arraujo da lavoura e o "dêcor", da paisagem decorrente. Num instante, enquanto tomávamos um chá reconfortante e nos iamios deliciando, no momento em que a visibilidade é nula e voamos sobre nuvens, com a "Antologia dos Contos Ingleses", da Portugália, num conto de Dickens, o feiticeiro da nossa infância romântica, estamos sobre os campos e nervos aquáticos da ria de Aveiro. Como descrever esses "Palácios Confusos", da ria? Imaginemos uma renda de Peniche, um desenho complicado de debuxos em que as linhas divisórias são os canais, dessa Bruges do Ocidente! E a Costa Nova? E as aldeias quase lacustres? Passámos o Mondego quase sem o ver, mais os seus campos camoneanos e a Figueira da Foz atlântica, atalaiada por Buarcos. Agora o aparelho galga o espaço, domina os ventos rebeldes, estremece e num equilíbrio perfeito aproxima-se dos arredores de Ovar, das suas dunas, da orla sinuosa do oceano, da renda inquieta das ondas e dos liades de Espinho, perdendo-se nos longes de Mira-Mar, da Granja, de Vila Nova de Gaia. As nuvens esfarrapam-se. A visibilidade é agora completa enquanto a tarde declina em azul desmaiado e cinzento. Num relâmpago surge o Porto, a cidade decorativa e flamejante, cujo "dêcor", lembra qualquer coisa de Antuérpia e Amsterdão. As linhas do Douro firmam-se e vemos as margens verdes e magnadas pelo choro ininterrupto das chuvas hibernais. Sobrevoando o Porto, vimos num segundo Leixões, Leça e Matosinhos.

As Pedras Rubras aparecem nuancadas de verde. Num momento pensamos. Será possível? Estaremos já no Porto, nós que há apenas uma hora estávamos em Lisboa e tomávamos café no Aeroporto de Sacavém? A realidade era flagrante. Estávamos verdadeiramente no Porto, e o "Dakóta", num voo perfeito, dinâmico, cronometrado, chegou à hora pontual. Pode haver alguma coisa de mais aliciente e vertiginoso? A máquina poz-se ao lado do cérebro. O piloto e o "Dakóta", equilibraram-se e fundiram-se na mesma trajectória do voo. Chegámos, vimos e descemos, como se nada houvesse, como se nada tivéssemos havido. E entregámo-nos ao Porto, em pleno frenézim citadino.

Correia da Costa.

eva 818
Porá à sua disposição uma completa organização em MEIAS DE SEDA.

Interesses de Guimarães

Têm estado em Lisboa, a tratar de assuntos que se prendem com os interesses da Cidade e Concelho de Guimarães, os Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha e Coronel Mário Cardoso, respectivamente, Presidentes da Câmara Municipal e da Sociedade Martins Sarmento.

CONTRASTES!...

Excesso de linguagem

De entre os vários abusos que as Autoridades devem reprimir na via pública, encontra-se o que diz respeito aos excessos de linguagem, um dos infelizes reflexos da falta de educação. A esse propósito, alguém nos fez chegar às mãos um pequeno recorte da Correspondência de Viana do Castelo para "O Primeiro de Janeiro", onde é feita referência a esse assunto, nos seguintes termos e sob a mesma epígrafe com que abrimos esta secção:

«DIÁRIO DE VIANA

Excessos de linguagem

Na demorada conferência que o Sr. capitão Faustino Duarte, por ocasião da visita oficial às dependências do comando da P. S. P., que o nosso jornal noticiou devidamente, o chefe do distrito apoteou a necessidade imperiosa de se por enérgico termo à linguagem desbragada que, parte da população vianense, emprega, sem o menor reboço, em plena via pública. O Sr. comandante da P. S. P. declarou que os seus subordinados já haviam recebido instrução no sentido de obstar a este ultraje à moral pública mas que se verifica a ausência de postura municipal, ou diploma equivalente, em que se cominem as penalidades a aplicar aos infractores. O Sr. governador civil declarou que iria interessar-se pela urgente publicação do regulamento necessário, determinando que, entretanto, se vá prevenindo a população que o uso de linguagem torpe será severamente punido. Só louvores merecem, as autoridades que acabarem, definitivamente, com os excessos de linguagem.

Como se verifica, as Autoridades de Viana, os Srs. Chefe do Distrito e Comandante da P. S. P., trocaram as primeiras impressões no sentido de se combater esse mal, razão por que se tornam dignas de que a sua iniciativa seja coroada dos melhores resultados. Por que não fazer o mesmo no nosso e em outros distritos do país?

Em manhã de nevoeiro!

Há gente que não deixa de acreditar na vinda de D. Sebastião, numa manhã de nevoeiro. É claro que se trata de uma esperança de certas pessoas que acreditam em *paranormalidades* de qualquer natureza e as quais, portanto, nunca poderão ver a luz da realidade. Como a estas, o mesmo poderá suceder àquelas que, com nevoeiro ou sem ele, estão ansiosas pelo Plano de Urbanização da cidade, atendendo aos prejuízos que a sua falta está a causar ao progresso da mesma.

E ainda o mesmo poderá acontecer a quem tem pugnado pela limpeza e reparação do exterior de alguns prédios, dois dos quais, situados à entrada da rua de Francisco Agra, têm merecido a oportuna crítica da imprensa, entre a qual se contam os jornais "Primeiro de Janeiro", "Correio" e "Diário do Minho", "Notícias de Guimarães" e talvez outros. Nessa crítica, muito recente e com certeza sem outra intenção que não seja a de ver desaparecer essas misérias do seio da cidade, tem-se apelado para a Câmara Municipal, a entidade de onde devem partir as providências aconselhadas, sem transgír com desculpas ou pretextos inaceitáveis por parte de quem não tem repugnância em sujeitar a categoria e importância desta terra a deprimentes apreciações, sobretudo das pessoas que vêm de fora. Mas, exactamente como na lenda da vinda de D. Sebastião, nem em manhã de nevoeiro cerrado aparecerão os donos desses e de outros prédios em iguais condições. Que confrangedoras verdade!

Carros funerários

A propósito das considerações que fizemos sobre o mau estado em que se encontram os carros funerários, já vimos um deles com aspecto bastante mais decente, embora continue a subsistir a necessidade de se conseguir um em condições de corresponder ao que se deseja. No entanto, a Venerável O. T. de S. Domingos, a quem pertence o carro em referência, e que não possui recursos para resolver esse caso em melhores condições, já procurou atender, dentro do possível, os reparos feitos, no N. de G., a esse respeito. Porém, é sempre assim: Há quem tenha vontade e não tenha recursos e há quem tenha recursos e não tenha vontade. E como endireitar um mundo destes?!

Falta de luz e de... franqueza

Há dias, o «Comércio do Porto» chamou a atenção da Câmara Municipal daquela cidade para o facto de ali se encontrarem deficientemente iluminadas diferentes ruas, entre as quais algumas de muito movimento. Em Guimarães, sucede o mesmo, com a agravante de a luz particular também ser muito irregular.

E já agora, porque vem a propósito, chamamos a atenção de quem de direito para o que acabamos de referir, afim de serem remediadas, tanto quanto possível, as deficiências apontadas. Há muita gente que censura o que se passa a tal respeito, mas a par dessa censura não tem a coragem necessária para se manifestar nesse sentido, junto das Entidades competentes. Nós, porém, optamos pela franqueza e pela lealdade e nessa ordem de ideias aqui deixamos o nosso reparo, acompanhado dos melhores desejos de uma solução satisfatória para todos.

Será possível?

Um nosso prezado amigo e illustre Filho de Guimarães, manifestou-nos o seu muito interesse em se conseguir um serviço permanente, nocturno, na Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães. Tratando-se de uma ideia de manifestas vantagens para a população desta terra, ela deverá merecer o melhor acolhimento dos Vimaranenses e, portanto, todos deverão concorrer para a efectivação de tão indiscutível e tão importante melhoramento, que, por certo, não será irrealizável se por parte dos mesmos e, bem assim, da Câmara Municipal e da referida Corporação houver a indispensável boa vontade disso se conseguir. Como dizemos, a ideia não é nossa, mas damos-lhe todo o nosso aplauso.

Exposição de MARTIN MAQUEDA

O conhecido Artista A. Martin Maqueda — um nome que não necessita de apresentação — veio a Guimarães realizar uma exposição de pintura, expondo na Sala do Turismo umas dezenas de quadros que são outros tantos trabalhos de muito merecimento, dignos de serem vistos e apreciados. A exposição inaugurou-se na quinta-feira e conservar-se-á aberta durante algumas semanas. A ela por certo nós teremos ocasião de referir ainda, visto que a falta de espaço no-lo não permite fazer por agora.

Desembargador ANTONIO CARNEIRO

Da Relação de Coimbra foi transferido para a de Lisboa o illustre Magistrado e nosso querido coterreânico Sr. Desembargador António Augusto da Silva Carneiro, a quem «Notícias de Guimarães» apresenta os mais respeitosos cumprimentos.

FUTEBOL

O Vitória obteve expressivo triunfo, batendo o Elvas por 7-1

O Vitória teve, enfim, o seu dia. Tinha que ser!

Na verdade, há muito já que a equipe vimaranense não obtinha um triunfo que se tornasse notório, que chamasse a atenção da massa desportiva do país inteiro. Verificou-se isso no jogo de domingo no campo da Amorosa, pois a punição imposta ao Elvas foi das que causam surpresa e não esquecem facilmente.

E não julgue, quem não assistiu ao encontro, que os números estão exagerados. Não! Os vimaranenses chegaram ao cabo da partida com seis tentos de vantagem e até podiam ter ido mais longe, pois souberam criar oportunidades para o fazer.

Se nos disserem que o Elvas não é conjunto para merecer punição tão severa, estamos de pleno acordo. Mas que o Vitória no domingo jogou de molde a impo-la ao Elvas ou a qualquer outro que se exhibisse como ele, é que não há dúvida nenhuma.

Os vimaranenses desceram ao terreno animados de extraordinária vontade e, logo de entrada, imprimiram tal velocidade e incisão às suas jogadas que os adversários ficaram surpreendidos e desorientados nos primeiros minutos, aguentando a respectiva defesa, como pode, as arremetidas inspiradas e insistentes do seu ataque. E foi essa vontade, inquebrantável durante todo o encontro, que no final apareceu traduzida em números que, em boa verdade, antes dele ninguém ousaria vaticinar.

Mas além da vontade, do lado do Vitória jogou-se com acerto e, por vezes, jogou-se mesmo bem. A defesa, pode dizer-se, não teve falhas, lutando sempre com valentia e decisão, e o ataque mostrou tal engodo pela baliza como não nos lembra já ter-lhe visto.

A equipe, sob nova orientação, parece, enfim, ter entrado no caminho de querer demonstrar o que na verdade vale, capacitando-se de que os encontros se ganham marcando tentos, para o que necessário se torna, evidentemente, atirar à baliza o maior número de vezes possível.

FARPAS

No confortável JORDÃO Assisti a uma função De crianças sorridentes. Pelo que foi constatado Estes SERÕES — stá provado — São deveras atraentes!

A criança é arrastada Para a arte e educada Neste meio de cultura. Vive feliz e contente! Aprende, ainda inocente, A desviar a amargura.

Se qualquer vila ou cidade Tem a nobre habitude De bem saber trabalhar... Por que é que a minha terra, Que tanta beleza encerra, Não sabe, assim, educar?

Quando eu era rapaz De tudo se era capaz Na minha Escola querida! Fizeram-se lindas festas Que, por não serem modestas, Jamais esquecem na vida!

A ÁRVORE era plantada Com carinho e respeitada Pelas crianças d'outra! Porque está desprotegida, A mesma árvore é ferida Pelas crianças de agora!...

Ai, que saudades eu sinto Nesta vida — um labirinto Com tantas mágoas e dores — Do tempo belo, adorador, Em que foi representado O lindo «AUTO DAS FLORES»!

Se o NOSSO A. L. de Carvalho, Que teve tanto trabalho Com as crianças que amava, Viesse à terra materna Ver a criança MODERNA O BOM AMIGO... chorava!

Dermoc.

O grupo visitante é bem constituído fisicamente e demonstrou possuir conhecimentos técnicos apreciáveis, gizando, sempre que lho consentiram, interessantes esquemas de jogo. Mas não pode, apesar do seu esforço lutar, opor-se com êxito a um adversário que acreditando nas suas possibilidades — ao contrário do que tantas vezes se tem verificado — desde o primeiro minuto soube imprimir às suas jogadas a «marca» do triunfo. Possui alguns elementos de real mérito, destacando-se entre todos Patalino e Massano, o primeiro dos quais, apesar da estreita e vivaz vigilância de Curado, pode, em vários lances, demonstrar a sua categoria.

O Vitória terminou a primeira parte a ganhar por 4-0, sendo os tentos apontados por Brioso, aos 10 e aos 24 minutos, e por Alcino, aos 17 (de grande penalidade, excessivamente rigorosa) e aos 20 minutos.

Na segunda parte, os três restantes tentos dos vimaranenses foram apontados por Brioso, aos 11 e aos 40 minutos, e por Rebelo, aos 15.

Massano fez o ponto de honra do seu grupo aos 32 minutos.

Dirigiu a partida o juiz português Aveilino Lourenço, que produziu trabalho imperfeito e revelou pouca personalidade.

Os grupos alinharam: Vitória — Machado, Ferreira, Costa, Armando, Curado, Luciano, Franclim, Rebelo, Brioso, Miguel e Alcino. Elvas — Caleja, Nunes, Oliveira, Galinho, Rebelo, Gomes, Vieira, Massano, Patalino, Rafa e Casimiro.

No desafio da manhã, para o Campeonato de Reservas, as do Vitória bateram as F. C. de Famalicão por 5-0.

Festas da Cidade

No Grémio do Comércio de Guimarães e sob a presidência do Sr. António José Pereira de Lima, reuniu, no passado dia 6, a Comissão Executiva das Festas da Cidade.

O Sr. Amadeu Guimarães, Presidente do Sindicato dos Caixeiros, que ali compareceu a convite da Comissão Executiva, apresentou a lista dos componentes da Comissão da Marcha Gualteriana, que é assim constituída: Amadeu Guimarães, Presidente do S. N. C.; Benjamin de Castro Alves Ferreira, Joaquim Alves Ferreira, Mário Monteiro Dias de Castro, Fernando Teixeira de Carvalho, João Quidino Pereira, Manuel Paulino Ferreira Leite e Manuel António Branco.

A Comissão Promotora da inegável Marcha Gualteriana e bem assim os Caixeiros de Guimarães, contam com o valioso e indispensável auxílio do Professor Sr. José de Pina e dos irmãos Américo e Domingos Alves Ferreira, e de outras pessoas que já têm prestado o seu concurso para que os seus trabalhos possam ser, como nos demais anos, coroados do melhor êxito.

Nesta mesma reunião trocaram-se impressões sobre a realização das Corridas de Toiros, tendo sido dado conhecimento pelos Srs. Joaquim Laranjeiro dos Reis e Bráulio Teixeira Carneiro, de que se encontram já efectuados contratos com os consagrados Artistas: Simão da Veiga, João Branco Nuncio, José Casimiro, Conchita Cintron e Gregório Garcia.

Trocaram-se ainda impressões sobre outros assuntos.

eva 816
Será a nova casa onde V. Ex.ª encontrará as últimas novidades para Homem e Senhora.
Rua de Santo António (em frente ao fotógrafo).

Teatro Jordão

Em favor das Obras da Igreja de Fafe

Levados ainda pela impressão agradável que nos deixaram o ano passado as crianças da catequese de Fafe que vieram exibir-se ao nosso Teatro...

O ilustre sacerdote foi muito aplaudido. O Teatro ostentava vistosa decoração com colgaduras e flores.

Rectificando

Na poesia que publicámos no último número, da autoria do nosso ilustre Colaborador Sr. Delfim de Guimarães, intitulada RESPOSTA A UMA CARTA...

Recital de Piano

É no próximo dia 29 do corrente que o ilustre Pianista-Compositor Eurico Thomaz de Lima vai realizar o seu recital de piano, no Salão Nobre do Grémio do Comércio de Guimarães...

eva 819
Marcará a sua posição de bem servir. Rua de Santo António (em frente ao fotógrafo).

Camioneta contra uma casa

Ao fim da tarde de sexta-feira, quando a camionete de carga n.º 10-41, pertencente à Auto-Motora, de Braga, conduzida por Vitor José da Silva Fortes...

9 DE ABRIL

A Sub-Agência de Guimarães da L. dos C. da G. Guerra, a que dignamente preside o nosso estimado amigo Sr. Tenente Abílio do Espírito Santo Barreira...

Teçidos de Algodão e Seda

Accepta representação em Lisboa, R. DA SILVA PACHECO - Rua dos Douradores, 134-2.º. Informam: Silva Guimarães & C.ª e Macedo, Magalhães & C.ª - Guimarães.

da cidade

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Domingos Martins Fernandes

Na sua residência, à Praça do Tournal, finou-se repentinamente, às 6 horas de quinta-feira passada, vitimado por uma angina de peito, o nosso estimado conterrâneo Sr. Do-



mingos Martins Fernandes, antigo comerciante e figura de muito prestígio no nosso meio, atentas as excelentes qualidades que tanto o distinguíam e impunham à consideração geral.

O saudoso extinto, que contava 65 anos, era casado com a Sr.ª D. Laurinda Ramos Fernandes e pai dos nossos bons amigos Srs. Francisco Ramos Martins Fernandes, Eleutério Ramos Martins Fernandes, José Ramos Martins Fernandes e da Sr.ª D. Maria da Conceição Martins Fernandes Pinheiro, sogro da Sr.ª D. Maria Fernanda de Sousa Pereira Fernandes, D. Maria Zulina Pimenta Martins Fernandes e D. Maria José de Freitas Martins Fernandes...

O Sr. Domingos Martins Fernandes...

COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE GUIMARÃES

Esteve muito concorrida a Assembleia Geral desta Companhia, realizada no pretérito dia 31 de Março, tendo sido aprovado por aclamação, por proposta do accionista Sr. Capitão Fonseca, do Porto, o Relatório apresentado e bem assim um voto de louvor à Direcção e Conselho Fiscal da referida Empresa.

BANCO DE PORTUGAL

Recebemos há semanas um exemplar do Relatório do Banco de Portugal que, com números e dados iludicatórios, nos diz da actividade da nossa primeira organização bancária. Muito agradecemos a oferta.

eva 817
Apresentar-lhe-á uma linda colecção de BORDADOS.

Empresa Termal das Taipas

Não desejando o Sr. Dr. José Joaquim Machado Guimarães Júnior continuar à frente dos destinos da Empresa Termal das Taipas e por se terem reunido no dia 30 de Março, em Assembleia Geral, os respectivos accionistas para tal fim convocados, verificou-se terem sido eleitos para a nova gerência os Srs.: Direcção - Adolfo Figueiredo Sardinha, José de Oliveira e António Garcia Esparsandim...

des era sócio das firmas Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª, Sucrs., e Freitas Mendes, Fernandes & C.ª, Lt.ª.

Fez parte dos Corpos Gerentes da antiga Associação Comercial e Industrial de Guimarães e como tal, também pertenceu à Comissão que no ano de 1923 levou a efeito as Festas da Cidade e a memorável Grande Exposição Industrial e Agrícola Concelhia.

O funeral do nosso saudoso conterrâneo effectou-se ontem às 11 horas, na capela da V. O. T. de S. Francisco, e constituiu uma significativa manifestação de pesar a que se associaram muitas pessoas desta cidade e de outras localidades e de todas as camadas sociais: médicos, advogados, oficiais do exército, industriais, comerciantes, professores, funcionários públicos, muitas senhoras, estudantes, etc., etc.

Fizeram-se representar as firmas de que o extinto fazia parte, pelos seus sócios gerentes e todo o pessoal; os Grémios do Comércio e da Lavoura, o Sindicato N. dos Caixeiros, Bombeiros Voluntários, Club dos Caçadores de Guimarães, Vitória Sport Club, a Comp.ª F. e T. de Guimarães, Sociedade Mercantil do Minho e outras empresas industriais; messas das Irmandades dos Santos Passos e da Misericórdia e de Santo António de S. Domingos; Mesa da Ven. O. T. de S. Francisco; Comissão Executiva das Festas da Cidade; Junta de Turismo, Comissão de Melhoramentos da Penha e Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, Direcção da S. M. S., Director do Museu Alberto Sampaio, Câmara Municipal, Comandantes da G. N. R. e da P. S. P., Direcção do Internato Municipal, etc., assistindo ainda os intervenientes das Oficinas de S. José, Creche de S. Francisco, Asilo de Santa Estefânia e Asilos de Mendicidade.

Após os officios fúnebres o cadáver, que se achava encerrado em luxuosa urna de mogno, foi trasladado para o cemitério Municipal em auto-funerário, tendo-se incorporado no préstito fúnebre uma centena de automóveis que conduziam pessoas das relações do extinto e da família dorida.

Em sinal de luto estiveram a meia adriça, durante três dias, as bandeiras no Grémio do Comércio, no Sindicato N. dos Caixeiros, na Ordem de S. Francisco, no Club dos Caçadores e nos B. Voluntários.

«Notícias de Guimarães», que nas homenagens fúnebres se fez representar pelo seu director, apresenta sentidos pésames a toda a família dorida.

Ludovino de Oliveira Salgado
Contando 22 anos finou-se o Sr. Ludovino de Oliveira Salgado, filho do Sr. Henrique de Oliveira, carcereiro da cadeia civil, e irmão do nosso amigo Sr. João de Oliveira Salgado, activo empregado comercial. O seu funeral, realizado para o cemitério de Atouguia, foi bastante concorrido.

D. Rita Garcia
Na sua residência em Urgez, finou-se a nonagenária Sr.ª D. Rita Garcia, mãe dos nossos amigos Srs. António Ribeiro Martins da Silva, Armando Martins Ribeiro da Silva, conceituados industriais, Manuel Martins Ribeiro da Silva, antigo professor do ensino primário e Lourenço Martins Ribeiro da Silva, funcionário público, e sogra do também nosso amigo e conceituado comerciante Sr. Avelino Teixeira, e avó das Sr.ªs D. Maria Amélia Pacheco Martins, D. Maria José Martins e D. Aurora Pacheco Martins, e dos Srs. Manuel, Armando, António, Fernando e Joaquim Martins da Silva; Armando Osvaldo e Fernando Martins da Silva.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, realizou-se na quinta-feira, às 10 horas, para a Igreja Paroquial de Urgez, onde foram rezados os resposos fúnebres, findos os quais o cadáver foi removido, com numeroso acompanhamento, para o Cemitério da mesma freguesia.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos: No dia 12, o nosso bom amigo sr. José Faria de Almeida, de Riba d'Aze; no dia 14, o menino Oscar Martinho, filho do nosso bom amigo sr. António Teixeira de Sousa; no dia 15, o nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Neves; no dia 16, o também nosso bom amigo sr. Domingos Duarte; no dia 17, mademoiselle Maria Isabel Rebelo e o nosso bom amigo sr. José Teixeira; no dia 18, o nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e obegadas

Tem estado nesta cidade a nossa ilustre Colaboradora sr.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal). - Estiveram em Mértola, de onde

já regressaram, os nossos prezados amigos sr. João Rodrigues Martins da Costa (Alvão), João Mendes Fernandes, António Martins Ribeiro da Silva e José Fernandes.

Encontram-se ausentes no estrangeiro os nossos prezados amigos sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e Augusto Pinto Lisboa.

Regressou a Santarém, onde é professor, o nosso prezado amigo sr. Dr. Armando Joaquim Crespo Guimarães.

Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo sr. Amadeu Guimarães.

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. David dos Santos Oliveira, digno Chefe dos Caminhos de Ferro na Senhora da Hora.

Vimos em Guimarães o nosso prezado amigo e digno Pároco de Góães (Fafe), Rev. Manuel da Silva.

Doentes

Tem passado bastante incomodada a sr.ª D. Maria da Encarnação T. Faria, a quem desejamos rápidas melhoras.

Casamentos

No templo do Bom Jesus do Monte, em Braga, consorciaram-se na passada quarta-feira o nosso prezado amigo sr. Francisco Laranjeiro dos Reis, filho do antigo e conceituado comerciante local e também nosso bom amigo sr. Camilo Laranjeiro dos Reis e de sua esposa a sr.ª D. Emilia Cândida de Carvalho Matos Laranjeiro, e a gentil senhora D. Maria Amélia Dias de Freitas Lima, filha do nosso prezado amigo e conceituado industrial em Lordelo, sr. Armando de Freitas Lima, e de sua esposa a sr.ª D. Maria de Jesus Dias de Freitas Lima.

Paraninfaram e acto, que revestiu a maior intimidade, os pais dos noivos e foi celebrante o Rev. Manuel Martins, ilustrado Reitor da Freguesia de Lordelo, que dirigiu aos noivos uma brilhante alocução.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Na capelinha de N.ª S.ª da Madre-de-Deus de Fora, nos subúrbios desta cidade, consorciaram-se, no domingo passado, o nosso prezado amigo sr. José Ferreira Martins, filho do conceituado comerciante local e nosso bom amigo sr. Manuel C. Martins e de sua esposa a sr.ª D. Alcinda Ferreira Martins, e a sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes, gentil filha do sr. João Fernandes e de sua esposa a sr.ª D. Deolinda Nogueira Leite Fernandes, proprietários em Travassós, Fafe.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, seus pais e, por parte do noivo, o conceituado industrial e nosso bom amigo sr. José Jacinto Júnior e sua esposa a sr.ª D. Madalena de Carvalho Jacinto, tendo sido celebrante o ilustrado Prior de S. Sebastião, Comendador Rev. Augusto Borges de Sá. Aos noivos desejamos muitas venturas.

Na igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra, realizou-se, na segunda-feira passada, o casamento do nosso prezado conterrâneo e amigo sr. António Ferreira de Oliveira com a gentil sr.ª D. Fernanda de Lourdes de Sá.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Aurora Frota e o sr. Francisco da Cunha Matos, secretário da Câmara de Coimbra, e, por parte do noivo, seu pai o nosso bom amigo e conceituado comerciante local, sr. José Pinto Pereira de Oliveira, e sua irmã a sr.ª D. Joana Ferreira de Oliveira Pinto Rodrigues.

Aos noivos desejamos as maiores prosperidades.

Pedidos de casamento

Pelo nosso amigo e considerado negociante local, o sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães, e sua esposa a sr.ª D. Emilia da Conceição Alves da Silva, foi há dias pedida em casamento, para seu filho, o sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães, a gentil senhora D. Maria Rita Duarte Xavier, extremosa filha do também nosso amigo sr. António da Silva Xavier, estimado industrial vimaranense, e de sua falecida esposa a sr.ª D. Laura Duarte Xavier.

O enlace deve realizar-se brevemente. Aos noivos, possuidores de primorosas qualidades, bem como a seus pais, os nossos sinceros parabéns e o desejo de muitas felicidades.

Diversas Notícoias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao L. do Tournal.

Estrada em mau estado

Torna-se necessária a reparação urgente do lanço da estrada do lugar da Madraça à passagem de nível do Castanheiro, visto que tal como se encontra arruina os carros que por ali têm de passar e que tantos são diariamente.

Julgamento

Em Tribunal Colectivo respondeu Benigno Salgado, solteiro, engraxador, desta cidade, acusado do crime de furto e homicídio frustrado na pessoa de João Novais, agricultor, da freguesia de Mesão Frio, deste

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21,30 h.

APRESENTA:

CLAUDET CLOBERT, ORSON WELLES e GEORGE BRENT

no grande drama dos nossos dias AMANHÃ VIVEREMOS

História de amor e abnegação que viverá em si - Hoje, amanhã e sempre.

Nunca um tema tão arriscado, nem tão humano e real foi assim tratado, com tanta categoria e valor!

Quarta-feira, 14, às 21,30 horas:

Em benefício do Asilo de Santa Estefânia

SANGUE E ARENA com TYRONE POWER, LINDA DARNELL, RITA HAYWORTH.

ATENÇÃO: - Este filme é a cópia nova que por lapsos da 20 th Century-Fox, nos foi trocada pela última exibição neste Teatro. - A EMPRESA.

Sexta-feira, 16, às 21,30 horas:

A engraçadíssima comédia alemã

A CANÇÃO DO ROUXINOL

com THEO LINGEN, actor cómico e ELFIE MAYERHOFER, que interpretará trechos das óperas: Bohème, Madame Butterfly, Traviata, etc.

Vinho Verde Branco e Tinto em Garrações das famosas Caves "MONTANHEZ", de Colorico de Basto. Chegou nova remessa destes excelentes vinhos. Garração de 5 litros «Montanhez», Branco 17\$50 Garração de 5 litros «Montanhez», Tinto 15\$00 Garração de 5 litros «Quinta da Torre», Tinto 12\$50 DEPOSITÁRIO EM GUIMARÃES: RODRIGO FERNANDES ABREU L. República do Brasil, 12.

SOCIEDADE COLUMBÓFILA DE GUIMARÃES

CLASSIFICAÇÕES: Póule de Oliveira do Bairro - João Pereira Brites, 1.º; Domingos A. Ferreira, 2.º, 18.º; José Alberto Milhão, 3.º, 9.º, 14.º, 15.º; Paulino Rodrigues, 4.º, 10.º; Ricardo Vieira Amorim, 5.º, 16.º; Francisco Viamonte, 6.º; João da Silva, 7.º, 8.º, 19.º, 20.º; Alberto Andrade, 13.º; João S. Neves, 17.º.

Incêndios: Na terça-feira à tarde foram chamados os socorros dos bombeiros para a freguesia de Gondar onde, na cozinha da habitação do caseiro do Sr. Dr. Francisco Albuquerque Diniz, no lugar da Pousada, se havia declarado incêndio, que se propagou a um barracão de arrecadações de utensílios agrícolas. Os bombeiros compareceram e extinguiram o fogo prontamente. Ainda assim os prejuízos são calculados em 10 contos.

Festas das Cruzes, em Serzedelo: Na progressiva freguesia de Serzedelo, deste concelho, de que é zeloso pároco o nosso prezado amigo Rev. Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, realizam-se no dia 9 de Maio, com invulgar imponência, as tradicionais Festas das Cruzes, que ali costumam atrair muitos forasteiros.

As Fábricas

Especialidade em artigos para Armazém de Fazendas Brancas, Malhas e Miudezas. Agente Comercial com clientela adquirida há muitos anos no Centro do País, deseja aceitar colecções. Informa: Fábrica de Malhas de Santa Luzia, Rua de Paio Galvão, Telefone, 4231, GUIMARAES.

José S. da Madre-de-Deus de Fora

Realiza-se hoje, nos subúrbios desta cidade, a tradicional Romaria de N.ª S.ª da Madre-de-Deus que costuma ser muito concorrida.

Vida Católica

Festividade de N.ª S.ª dos Prazeres - No templo dos Santos Passos, que ostentava uma luxuosa decoração pertencente à casa João Augusto Passos, realizou-se na segunda-feira, na forma dos anos anteriores e a expensas da Sr.ª Condessa de Margaride, a festividade em honra de N.ª S.ª dos Prazeres, que decorreu com muito brilho e registou a assistência de muitos fiéis, tendo sido orador o Rev. João de Oliveira, ilustrado Abade de S. Romão de Mesão Frio, que prégou com muita eloquência.

LOJA

Aluga-se, ampla, servindo para arrecadação de quaisquer artigos. Para ver e tratar na Rua do Gravador Molarinho, 37 Guimarães

AVISO

Para efeitos de trespasso do Café que possuímos na Rua Dr. Abílio Torres desta Vila, convidamos as pessoas que se considerem nossas credoras a apresentarem as respectivas contas até ao dia 20 do corrente para serem devidamente conferidas e pagas. Vizela, 7 de Abril de 1948.

AVISO

Dionísio Ferreira Lopes Camila Pereira Teixeira.

A voz das Freguesias

Continuação

não sendo favor nenhum retribuir-se um benefício com outro que fica muito à quem do que seria justo fazer-se.

Escolas...

Outro problema que nos desola é a falta de Escolas. Presentemente só uma escola ali funciona, frequentada pelo sexo feminino. E os rapazes, ou têm de ficar analfabetos ou hão-de calcular grandes distâncias procurando a luz da instrução em outras freguesias, que já por si hão-de estar assobradas com os seus próprios problemas escolares.

Há mais de um ano que se procura construir um edifício escolar, com um salão para cada sexo, acabando-se com o leccionamento na actual escola, edifício de aluguer e acanhado que está deslocado para o fim em vista.

Parece que o único óbice para a construção de tão almejado edifício escolar, depende simplesmente de um ajustamento de conveniências pessoais por parte do dono do terreno escolhido, o que nos parece obstáculo fácil de solucionar.

E' este um dos assuntos em que há tudo para se tornarem realidade, faltando unicamente a boa vontade de umas tantas pessoas, precisamente aquelas de quem depende o empreendimento das coisas.

Água, Telefone, Correio...

Uma das aspirações dos nespereiros está em vias de ser realizada, pois há já a promessa da edilidade vimarense para a construção de 2 fontanários e 2 lavadouros públicos, melhoramentos que só dependem da concretização do contrato com o respectivo empreiteiro.

A necessidade destas realizações é imensa. E para que o povo não descreia completamente do interesse que a quem de direito estas coisas merecem, torna-se indispensável que se comece a dar a esse povo, o bom povo de sempre, que é a força anónima que tudo pode, um pouco do muito que precisa.

Por menos importante, nem por isso deixa de ser uma conveniência a realizar, a instalação de um telefone em cabine pública para que não se esteja constantemente a incomodar os assinantes particulares. E dependente da mesma entidade há o correio, cuja entrega tem vindo a ser irregular, o que por vezes embaraça os destinatários.

O caso do Apeadeiro

Deixamos para o fim, propositadamente, o caso do apeadeiro, agora em foco com o rumorejar do boato que preconiza a sua extinção em favor de outro distante duas centenas de metros mais abaixo.

E' tão absurda essa probabilidade, tão descabida essa mudança, que nem vale a pena admiti-la como realizável.

Que proveito cabe à Companhia com a eliminação do apeadeiro de Nespereira?

E' apreciável o tráfego de mercadorias e bastante movimentado o de passageiros, com evidente conveniência para a população da freguesia e também para as de Infias, S. Martinho do Conde, Gandarela, S. Martinho e S. Tiago de Candoso.

Seria má política, sob todos os aspectos, esquecer as conveniências próprias, aliás dependentes de outros. E no caso presente, seria um mau acto administrativo encurtar rendimentos e dificultar os meios de comunicação a um grande aglomerado de pessoas, em favor de um escasso número de pretendentes que já se encontra servido com o actual apeadeiro.

E acima de tudo isto, não é crível que quem de direito prive Nespereira de um dos poucos benefícios que frue, já porque colhe melhor proveito, já porque, com a mudança, aproximaria muito um apeadeiro de uma estação.

Não se acredite, pois, que Nespereira sofra essa mutilação. Enquanto houver bom senso e um tudo nada de amor pelo que é justo não devemos acreditar em absurdos...

Polvoreira

Visitámos Polvoreira, freguesia altamente industrial e onde se fabricam excelentes tecidos, sobressaindo a manufatura de colchas de ramagem, em algodão e em seda, artigos que gozam de justa fama em todo o país.

Está esta freguesia em franco progresso, sendo poucas as necessidades que reclamam remédio. Mas essas poucas são tão urgentes, tão urgentes, que mante-las é persistir num erro lamentável e atentar contra os direitos da humanidade.

A primeira imagem que nos desolou foi a escola.

E' quase inconcebível que possa dispensar-se ensino conveniente em um cubículo acanhado, em muito mau estado, sem condições algumas para um eficiente ensinamento. E há população infantil para três escolas!

São duas as casas alugadas para a função escolar, uma para cada sexo. Mas ambas rivalizam em pobreza e em inadequamento para essas agradáveis missões.

E no entanto, para cúmulo da nossa surpresa, constatamos que há um benfeitor portuense, alma de eleição, que oferece 50 contos para a construção de edifício escolar condigno, desde que seja localizado em determinado ponto.

Será assim difícil dar concretização a esta generosa dádiva, harmonizando a condição de um com a conveniência comum?

Pondere-se um pouco no paupérrimo estado das escolas actuais e compare-se o que seria a alegria e o aproveitamento das crianças numa nova escola, ampla, higiénica, onde até apeteceria estar!

Fontes e Lavadouros

Em nenhuma parte é tão fácil a construção de fontes e lavadouros públicos.

Há uma bica abundante no lugar da Fonte e outra no sítio denominado Lugar, cujo caudal nem no estio pára.

A situação destas bicas é tão propícia à adaptação de um fontanário em cada uma, que até parece impossível como ainda se não procedeu a este arranjo, acabando-se com as dificuldades de enchimento de vasilhas, como agora acontece.

Da mesma maneira se antevê como fácil a construção de lavadouros. O local que o povo já utiliza está mesmo a carácter para essa realização, abundando, também, o elemento líquido. Qualquer destas obras é de reduzido dispêndio, sendo, na prática, utilíssimas para a freguesia.

Caminhos

Os diversos caminhos de comunicação local estão fracos, sendo o pior o que vai da Balinha à Igreja.

O seu arranjo e endireitamento já foi alvo de aturado estudo, mas verificou-se ser de largo dispêndio.

Contudo, encontrou-se meio de solucionar o assunto, com manifesta vantagem para o meio e muito menor custo financeiro. Para tanto, bastaria continuar a estrada que em tempos foi construída pela Câmara e que sai das Portinhas, passa pela Mouta e vai até ao Lugar, ficando muito próxima do cemitério, onde se encontraria com a estrada que parte dos Carvalhos.

Ter-se-ia assim estabelecido ligação com a Igreja, de norte a sul. E se num futuro mais ou menos próximo se construir uma capela no cemitério, mais útil será a estrada, pois não será preciso ir-se à Igreja quando haja enterramento.

Eis aqui estampadas as aspirações do povo de Polvoreira. Nem vale a pena dispender mais argumentação para demonstrar a grande, a urgentíssima necessidade de dar a esta freguesia o que ela tanto precisa.

Qualquer das suas pretensões são de fácil realização, não devendo esperar mais tempo.

Não faz sentido que uma freguesia que tanto contribue para os cofres camarários, mercê das fábricas que tem, nada receba em retribuição desse seu contribuir.

Por outro lado, como o caso das escolas é o que mais clama por providências, é preciso que não se demore mais a intervenção de quem de direito, tanto mais que não pode deixar-se perder uma oferta tão generosa, como demonstrativa do alto carácter de quem tem tanto amor pelo ensino escolar.

King.

AGRADECIMENTO

Encontrando-me já completamente restabelecido da grave enfermidade que há semanas me acometen, venho cumprir o grato dever de testemunhar publicamente o meu maior reconhecimento ao meu médico assistente Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Saraiva, pela assistência que tão dedicada e proficientemente me prestou.

E dada a impossibilidade de agradecer individualmente a cada uma das pessoas amigas que tão dedicadamente procuraram informar-se a miúdo do meu estado, aproveito a ocasião para desta forma a todas igualmente manifestar a minha gratidão, por tamanhas provas de estima que jamais poderei esquecer.

Guimarães, 6 de Abril de 1948.

João António Sampaio.

Fernando Pizarro de Almeida
ADVOCADO
ESCRITÓRIO:
Rua de Gil Vicente, 66
GUIMARÃES

José Rodrigues Ferreira
HORTICULTOR
Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila».

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 2 de Abril de 1948

Sobre a presidência do Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior, a Mesa tomou conhecimento do seguinte:

— Acórdão do Tribunal de Contas referente à aprovação das contas desta Santa Casa da Gerência do ano de 1946;

— De um officio do Comandante dos Bombeiros Voluntários de Vizela a manifestar a sua repulsa pela injustiça que alguém pretendia fazer aos serviços desta Santa Casa quanto aos socorros aqui prestados aos sinistrados do desastre recentemente ocorrido nas proximidades daquela Vila, tendo o Sr. Provedor informado que já tinha agra-decido a amabilidade do referido officio;

— De um officio do Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Civil Alexandrino Mendes de Almeida, oferecendo os seus serviços profissionais a esta Casa da Caridade, acto que a Mesa registou com muito reconhecimento e já agra-decido pelo Sr. Provedor;

RESOLUÇÕES:

— A Mesa resolveu tomar providências sobre o abuso de entrar comidas e bebidas no Hospital Geral com destino aos doentes internados;

— Manifestar à actual Directora do Hospital de Vizela o reconhecimento desta Mesa pela forma como está a dirigir os serviços internos da referida Casa de Caridade e interessar pela prosperidade da mesma;

— Tomar providências sobre o incêndio ocorrido numa das propriedades de Taboado;

— Registrar na acta o reconhecimento da Mesa às Ex.^{mas} Autoridades Civis e Militares por se terem incorporado na Procissão de Endoenças, realizada no dia 25 do mês passado e congratular-se pela comparação de grande número de irmãos, assim como pelos bons serviços prestados pela P. S. P., durante o trajecto da referida Procissão.

— Finalmente, verificou-se o cumprimento de todos os legados, aprovou o balancete do cofre e registou-se o donativo de uma peça de pano, offerta da Ex.^{ma} Sr.^a D. Luísa Gomes de Araújo Guimarães.

Foram ainda tratados outros assuntos de interesse para esta instituição.

Cartas ao Director

A' volta de uma censura

Guimarães, 28 de Março de 1948.

... Senhor Director do "Notícias de Guimarães", — Guimarães.

No "Diário do Minho", do passado dia 15, em correspondência das Caldas das Taipas, faz-se alusão a um facto passado entre o Sr. Reitor daquela freguesia e uns senhores do lado de Guimarães.

O autor do arrazoado em questão não teve em vista colocar acima de tudo a verdade do que se passou e, nessa ordem de ideias, apenas se registou a pretensão de fazer insinuações a quem, felizmente, não receia defrontar-se contra as armas ingratas e traiçoiras da calúnia e da intriga.

As pessoas ofendidas nada mais fizeram do que pretender que fosse esclarecido um caso que afectava a sua dignidade, quer sob o ponto de vista dos bons sentimentos que se prezam de ter, quer, ainda, porque nele se encontrava envolvida a inocência de uma outra pessoa, digna de todo o respeito e até da própria Justiça de Deus. Porém, da forma como a citada noticia foi redigida, poderá supor-se que os tais senhores do lado de Guimarães eram autênticos Fariseus!

Como assim não sucede, os mesmos senhores muito prazer terão em ver publicados os seus nomes pelo pseudo Sr. Tomé, das Caldas das Taipas, e, então, se fará toda a luz sobre a deturpada ocorrência, lamentável e errada compreensão de quem a provocou, mas não os senhores dos lados de Guimarães.

A V. Sr. Director do "Notícias", envio-lhe os nomes das pessoas que foram vítimas da calúnia e da intriga, as quais assumem toda a responsabilidade pela publicação deste ligeiro desabafo e reconhecimento lhe agradeço a publicação destas linhas.

Adelino Laranjeiro dos Reis.

N. da R. — Tratando-se, de facto, de pessoas que em Guimarães gozam de muita estima e muita simpatia, de bom grado damos publicidade a esta carta em que se pretende esclarecer a verdade.

VENDE-SE

Uma morada de casas de boa construção, de pedra, com 3 divisões e cozinha, corte para cevados, terra para horta e um pequeno jardim, bem situada, na Rua da Arcela, desta cidade. Prestam-se esclarecimentos na nossa Redacção.

Um grande

incêndio

nos subúrbios de GUIMARÃES

As chamas consumiram

uma parte do PALACETE

DO COSTEADO e do seu

valioso recheio, causan-

do prejuizos no valor de

mais de um milhar de

contos.

Na terça-feira, alta madrugada, manifestou-se um violentissimo incêndio no Palacete do Costeado, do lugar da Cruz de Pedra, freguesia de S. Miguel de Creixomil, nos subúrbios desta cidade e pertencente ao Sr. D. José Ferrão de Tavares e Távora, o qual se encontrava na sua casa da Foz do Douro.

O sinistro — que desde logo tomou enormes proporções — teve início na cozinha, devido ao que parece a um curto-circuito, propagando-se rapidamente a todo o edificio.

As chamas consumiram móveis valiosos, alfaias antigas e louças da Índia, estas de valor superior a 150 contos. Também foi destruída a formosíssima capela do Palacete, onde existiam imagens de muito valor, assim como a ampla sala de jantar, em que havia quadros de grande merecimento e muitas pratas, os aposentos das criadas, as quais a muito custo puderam escapar às labaredas, o celeiro e a habitação do feitor.

No celeiro ficaram calcinados uns 40 carros de cereais e na adega anexa desapareceram dezenas de pipas de vinho, algumas de aguardente e azeite.

Os bombeiros montaram cincoagultas, alimentadas por duas moto bombas, e foram de uma grande actividade e solicitude, embora não tivessem podido evitar que o incêndio causasse tantos estragos.

Comandavam nos Srs. José Luís de Pina e António Augusto Almeida Ferreira.

Os prejuizos, enormíssimos, são calculados em mais de um milhar de contos. No entanto, mercê do denodado esforço dos Bombeiros, conseguiram salvar o recheio da parte principal do Palacete.

O rescaldo prolongou-se durante todo o dia de terça-feira, tendo os bombeiros, pelo extenuante esforço dispendido, a necessidade de serem substituídos, trabalhando por turnos.

Durante o ataque às chamas, feriu-se o aspirante n.º 17, Jerónimo Leite, não sendo felizmente grave o seu estado.

Além das criadas e do feitor, também se encontrava no Palacete a Sr.^a D. Maria José Ferrão, tia do Sr. D. José Ferrão, que se retirou para uma casa vizinha.

Os prejuizos, já mencionados, só numa pequena parte se encontram cobertos pelo seguro.

As chamas avistavam-se a grande distancia e ao local do sinistro, onde tem estado policia, acorreram muitos milhares de pessoas.

Carta de Vizela

Vizela vive ainda o doloroso momento da tragédia de quarta-feira senta em que, após estúpido estampido, quatro vidas e assim quatro chefes de família, num momento perderam a vida.

Vizela e o seu povo vive também não só a tragédia mas também a dedicação dos brissos Voluntários, o seu sacrificio, os seus rasgos de desprezo pela vida, a sua rapidez, procurando arrancar dos braços da Morte as suas vítimas.

A região, Vizela e freguesias, regista a rapidez dos socorros e mais ainda a forma como foram recebidos os dois feridos que receberam ainda socorros no hospital de Guimarães.

Ali, quase como por arte de magia ou por vontade de Deus, como sempre e sempre tem sido, um corpo completissimo de illustres médicos em número mais que sufficiente, batas brancas, almas gentis e dedicadas, prontos também ao maior sacrificio, esperavam as vítimas da tragédia.

Tudo, tudo quanto humanamente foi possível quanto a socorros de medicina e cirurgia, foi feito, mas, infelizmente, nada foi possível para os salvar.

A população vizelense vive ainda a tragédia e a dedicação mais sublime.

Os nossos destemidos Voluntários e a nobreza do corpo clinico do hospital da Misericórdia de Guimarães, que para viver nos nossos corações, mais não precisa.

Que os que podem auxiliem hoje aqueles a quem a tragédia veio cobrir de luto e miseria.

Seguem em ritmo normal as obras da nova Avenida para o Hospital desta vila, obra grandiosa que há dezenas de anos vivia no coração dos vizelenses e que só hoje foi possível, graças à actual Câmara da illustre presidência do Sr. Dr. Ferreira da Cunha e à nun-

VAI A LISBOA?

Visite a Cervejaria Moderna

Restaurante Serviço esmerado e económico

230, RUA DOS CORREIROS, 232 TELEFONE, 2 8580 LISBOA

Automobilistas:

Instalai nos vossos carros um «MOTOROLA» e tereis o melhor companheiro de viagem.

MOTOROLA

O melhor rádio para automóvel.

Vende: ANTONIO JOSÉ TRINDADE

Rua de Santo António, 53 — Guimarães.

MIPOLI — Minas de Ponte do Lima

S. A. R. L.

Capital realizado 1.000 contos autorizado 6.000

AUMENTO DE CAPITAL

A partir do dia 10 de Abril foi aberta a subscrição para a nova emissão de 5.000 contos em acções privilegiadas e nominativas do valor de mil escudos cada acção.

- a) Pagamento de 20 % no acto da subscrição;
- b) Pagamento complementar, 20 % mensalmente;
- c) As acções liberadas no acto da subscrição tem desconto de 3 %;
- d) Tem preferência na subscrição da nova emissão os actuais accionistas.

Esta subscrição encontra-se aberta nas sedes e filiais dos Bancos Nacional Ultramarino, Português do Atlântico, Ferreira Alves e Pinto Leite e Banqueiros Fernandes Magalhães.

A Administração.

FRANCISCO JORQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Touroal, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintal

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Plano Pereira & C.^a — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

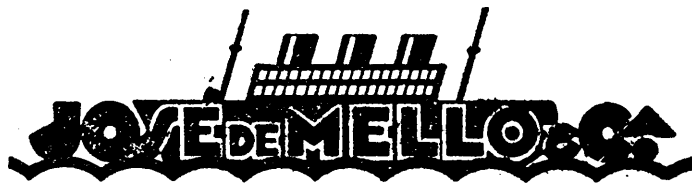
Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços officiaes.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area colerta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 803

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

ca desmentida vontade do dignissimo Vereador Municipal, Sr. Manuel Faria.

Que novo ritmo tenham também as obras do Prado e que no ano corrente sejam concluídas, são os nossos votos, como certamente de todos os vizelenses.

— Pela Comissão de Iniciativa e Turismo, desta Estância, foram mandadas plantar 301 árvores nas bermas da estrada de S. Bento, feliz obra, digamos assim e que em anos próximos dará o melhor fruto.

Só nos merece louvores tal iniciativa que vem demonstrar estar bem entregue tal Comissão nas melhores mãos.

Que todos os directores da Comissão de Iniciativa e Turismo continuem a trabalhar pelo engrandecimento desta linda Vizela, são os nossos votos, que afinal não são só nossos, mas de toda a região, que os admira e tem os olhos postos nos homens que se encontram a frente dos destinos desta vila.

Por nós, confiamos e estamos certos que eles seguem e continuam o seu programa, alheios ao ladrar dos que nada fazem e tudo são capazes de organizar, dizer, fomentar e afinal nada realizar.

— Passou as férias da Páscoa, nesta vila, acompanhado de sua esposa e gentilissimos filhos, o nosso querido amigo Sr. Carlos Mesquita, do Porto.

— Também em gozo de férias tivemos o prazer de ver entre nós os filhos do illustre Director Clinico do Estabelecimento Termal de Vizela Sr. Dr. Alfredo Pinto.

— Em casa de sua família, nesta vila, passaram as férias da Páscoa os pais da senhora D. Dalila Faria, esposa do Sr. Flávio Faria, sócio gerente da firma Brito e Gomes, Ld.^a

— De visita a sua família vimos nesta vila a senhora D. Deolinda Amélia Guimarães.

— Também tivemos o prazer de ver nesta o nosso querido amigo Sr. Justino da Silva Gomes e seu filhinho Zémi. — C.

Lido o propagal e «Noticias de Guimarães»